

Modernidade & Exclusão

APRESENTAÇÃO

"Copacabana não engana, aquele bairro resumia os contrastes da cidade. O reto paredão dos prédios diante das curvas da costa, o aterro que fazia da praia uma espécie de deserto, os ricos e os pobres postos lado a lado. A divisão da cidade não era geográfica. A cidade dos ricos e a cidade dos pobres se sobrepunham, se chocavam, se misturavam".

Corpas, neste volume, página 111

"Tenho sete ou oito sentidos. Um deles: o da falta".

H. Michaux, citado em Pandolfo, neste volume, página 139

O terceiro número da Revista Interfaces do Centro de Letras e Artes da UFRJ, ao focalizar o tema **Modernidade e Exclusão**, dá prosseguimento ao viés multidisciplinar e temático, inaugurado com o número dois. Novamente, inclui trabalhos de autoria de professores e alunos das unidades que compõem este Centro.

André Bazzanella trata da percepção do real na contemporaneidade, argumentando que, atualmente, esta não se prende mais à procura da chamada ordem natural das coisas - o tempo linear e a continuidade, típicos do espaço clássico -, mas sim à percepção do indivíduo em acontecimentos sensoriais específicos - o tempo simultâneo. Assim, aponta que os significados construídos não são coletivos, pois se pautam pela exclusão do(s) outro(s), o que é destrutivo para o próprio ser humano devido a sua natureza social.

Rogério Medeiros, ao analisar o filme *Terra em Transe* de Glauber Rocha, sugere que a chave para penetrar na narrativa glauberiana são as categorias dos modos de representação da Modernidade: uma narrativa que reflete os meandros da intimidade do ser humano, sem a progressão contínua da narrativa naturalista e que envolve tempos e espaços múltiplos.

Carlos Alberto Nunes Cosenza e Maria Maia Porto discutem questões relativas à ocupação do espaço na Modernidade, especificamente no que se refere à localização de indústrias. Defendem a visão de que o bem-estar humano, e não custos e preços, receba atenção especial neste processo, que deve ser informado pelo clima e ambiente. Propõem, então, um Modelo para a Administração da Localização Industrial, que, seguindo os princípios da Lógica Fuzzy, inclui na localização, além de aspectos quantitativos, aspectos qualitativos, que abrem espaço para a representação discursiva que, melhor do que representações aritmógrafas, pode captar a subjetividade humana.

Lilian Fessler Vaz analisa o problema da coletivização da moradia como um sinal da Modernidade, tendo em vista a concentração cada vez maior de pessoas nas cidades, contrastando com o isolamento crescente do indivíduo e o conseqüente desenvolvimento do individualismo. Indica, assim, que compartilhar e cooperar constituem atividades humanas bem diferentes nas cidades modernas. Este processo de coletivização é entendido também como um modo de exclusão das classes populares na cidade do Rio de Janeiro, já que as políticas modernas de produzir habitações, embora inspiradas pela necessidade de construir moradias para estas classes, na verdade, não se concretizaram.

Carlos Eduardo da Silva Costa, Cristina Gomes de Souza e Orlando Nunes Cossenza tratam do impacto que a ampliação do Porto de Sepetiba trará para a área onde está localizado. Defendem a necessidade de se traçarem diretrizes claras para tal empreendimento de modo que sejam favorecidos não somente aspectos econômicos de tal iniciativa, mas questões de natureza social e ambiental, que afetam diretamente a vida das pessoas. O planejamento habitacional, nesse sentido, é tomado como um ponto crucial em uma região já densamente favelizada.

André Bueno, com base no Pensamento Crítico, mostra como a Modernidade está intimamente relacionada a processos de exclusão social, aos quais está submetida a maior parte da população, para quem projetos de emancipação nunca existiram. Chama atenção ainda para o fato de que, no momento histórico em que estamos vivendo na sociedade globalizada do final do século XX, a lógica do mercado, ie, da competição econômica, é entendida como indicadora de civilização ao invés da procura pelo bem-estar social dos cidadãos. E termina por nos conclamar a inventar a liberdade e a emancipação para resistir à barbárie, ie, à violência social na qual estamos vivendo.

Carmem Lúcia Tindó Secco argumenta que o poético é o espaço que países da África e da América Latina têm para valorizarem suas especificidades multiculturais. Isso lhes dará maior participação política na sociedade contemporânea, ao resgatarem seus mitos, suas vozes e tradições através da poesia, em um mundo que impossibilita a maior parte das populações destes países de usar tecnologias modernas, na economia globalizada que nos envolve. É, portanto, a afirmação das identidades culturais, através da poesia, que pode trazer à tona os descompassos entre as tecnologias estrangeiras e as realidades nacionais ao fazer as pessoas pensarem o mundo em que vivem.

Colin B. Grant, ao sintetizar, criticamente, o pensamento de Habermas, Foucault, Luhmann e Castoriadis, propõe que o projeto de emancipação do ser humano, típico da Modernidade, ainda pode ter lugar para o seu desenvolvimento se pensarmos a esfera pública como espaço de negociação em cujos interstícios os processos de inclusão, por mais precários que sejam, se fazem presentes através de contra-discursos que podem influenciar os conflitos nas interações sociais. Estes discursos (das minorias, feministas, etc) têm cada vez mais minado o sistema ao serem trazidos para a esfera pública, como formas de resistência a discursos hegemônicos. A necessidade imperiosa de engajamento discursivo que nos rege, tanto para impor o poder como para resistir a ele, faz a interação pública crucial para a vida humana.

Danielle Corpas divide seu trabalho em duas partes que se complementam. Na primeira, analisa o personagem Marcovaldo de Italo Calvino, mostrando o olhar peculiar que ele lança sobre a cidade ao procurar as marcas do campo na vida urbana, revelando as dificuldades e as possibilidades de felicidade nas cidades contemporâneas. Na segunda parte, apresenta dois textos em que faz um pastiche de Calvino ao levar Marcovaldo a viver dois momentos da vida carioca (verão e não-verão), se defrontando com os contrastes sociais que constituem / violentam o Rio de Janeiro. Este modo crítico de ver a cidade é apresentado como uma maneira de nos envolver na procura de alternativas para transformar este espaço.

Eucanaã Ferraz, em sua análise do conto "O alienista" de Machado de Assis, mostra como o autor satiriza a psiquiatria brasileira do século XIX com base no discurso científico do médico que é o personagem principal do conto. Para tal, utiliza o conceito foucaultiano de clência como espaço de produção de verdade, que, no caso em questão, leva à exclusão social dos chamados loucos. Argumenta que a narrativa não conduz o leitor ao interior do manicômio como uma forma de fazer rir das estruturas de poder que orientam os discursos na sociedade, ou seja, não há porque dar voz aos silenciados.

João Vicente Ganzarolli de Oliveira trata da relação entre a América Latina e a Modernidade, focalizando especialmente os processos de exclusão advindos do relacio-

namento entre o Velho e o Novo Mundo, que tem início na Renascença. Ele situa o início da Era Moderna no momento em que o europeu se defronta com a variedade multicultural e étnica das sociedades na América. Ressalta ainda que os processos de exclusão estão patentes em uma historiografia da Modernidade que ignorou a identidade cultural dos povos que viviam na América.

Fechando o volume, Maria do Carmo Peixoto Pandolfo nos apresenta à obra do escritor Henri Michaux, que, conforme indica, ainda não é bem conhecida no Brasil. A autora nos leva a percorrer o discurso poético de Michaux como manifestação da Modernidade e da Exclusão ao nos fazer perceber sua identidade fragmentada, múltipla e contraditória, assim como o sentimento de inadequação ao mundo que perpassa sua obra na busca incessante pela essência do humano.

Finalizando, gostaria de agradecer aos membros do Conselho Editorial de INTERFACES, como também a colaboração inestimável dos seguintes professores, que atuaram como consultores *ad hoc* deste número: Celina Moreira de Mello (UFRJ), Ivone da Silva Ramos Maia (UFF), Marco Lucchesi (UFRJ), e Victor Hugo Adler Pereira (UERJ). Sem a ajuda e o *expertise* destes consultores *ad hoc*, este número não teria se concretizado. Uso esta oportunidade para já anunciar o número 4 de INTERFACES, que focalizará o tema **Linguagens**.

Luiz Paulo da Motta Lopes
Editor chefe de INTERFACES